

The background of the cover is a vibrant blue with a pattern of white raindrops falling from top to bottom. The raindrops are of varying lengths and are scattered across the entire surface, creating a sense of movement and atmosphere.

mia couto

poesia

tradutor
de chuvas

CAMINHO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: Tradutor de Chuvas
Autor: Mia Couto
Capa: Rui Garrido
ISBN: 9789722127608

Editorial Caminho, SA
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, 2011
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.caminho.leya.com
www.leya.pt

*Os meus primeiros versos foram escritos para o meu pai
e falavam de relação que ele, na sua poesia,
criava entre as palavras e a chuva.
Ainda hoje o meu pai continua
chovendo dentro dos meus poemas.*

CORES DE PARTO

O que eu vi,
à nascença, foi o céu.

No rasgão da retina,
a desatada luz: o meu segundo oceano.

Aprendi a ser cego
antes de, em linha e cor,
o mundo se revelar.

O que depois vi,
ainda sem saber que via,
foram as mãos.

Parteiros gestos
me ensinaram quanto,
das mãos,
a vida inteira vamos nascendo.

As mãos foram,
assim, o meu segundo ventre.

Luz e mãos
moldaram a impossível fronteira
entre oceano e ventre.

Luz e mãos
me consolaram
da incurável solidão de ter nascido.

SAUDADE

Que saudade
tenho de nascer.

Nostalgia
de esperar por um nome
como quem volta
à casa que nunca ninguém habitou.

Não precisas da vida, poeta.
Assim falava a avó.

Deus vive por nós, sentenciava.

E regressava às orações.

A casa voltava
ao ventre do silêncio
e dava vontade de nascer.

Que saudade
tenho de Deus.

IGNORÂNCIAS PATERNAS

Altas horas,
já secos cuspos e copos,
meu pai dizia:
vou reparar o teto.

E saía, para além da noite,
por interditos caminhos.

Minha mãe
retorcia a alma
nas magras mãos.

No peito, não no ventre,
a mãe vai gerando filhos.

Por trás dos cortinados,
seu olhar se desfiava
no longo rosário da espera.

Cegos para as suas fadigas
nós, os filhos,
pedíamos que nos alonjasse o medo.

E a voz dela acontecia
como inundação do rio:
lavando águas e tristezas.

Pobre do vosso pai, suspirava.
Que pena ela dele sentia
que, no escuro, em vão procurava.

A nossa casa, de tão alta,
não poderia nunca ter telhado.

Filhos deitados,
medos dormindo:
antes do meu pai regressar
já minha mãe
tinha reparado
as telhas todas do mundo.

CLANDESTINO

Na penumbra da tarde,
o mundo morto,
a meu passo, despertava.

Não era o amor
que eu procurava.
Buscava o amar.

Na casa em ruínas,
te despias
para que me deixasse cegar.

Voz transpirada,
suplicavas que te chamasse no escuro.

Em ti, porém,
eu amava
quem não tem nome.

Na casa arruinada
te amei e te perdi
como a ave que voa

apenas para voltar a ter corpo.

Na penumbra da tarde,
tu me ensinaste a nascer.

Na noturna claridade
me esqueci
que nunca havias nascido.

VERNIZ

No degrau da rua,
a moça pinta as unhas.

Dobrado em lua,
seu corpo tem a delicada intenção do ourives:
na decimal tela das mãos
inventava lábios
que o destino virá beijar.

Fadigosa obra,
tão incontáveis os dedos da vaidade.

A moça demora-se
mais que a derradeira luz
e as velhas passam e benzem-se,
limpando lembranças
de suas primeiras mãos.

Afinal, não é o corpo
o que a menina pinta.

O verniz vermelho,

como salpicados coágulos,
lhe amortalha o gesto.

Debaixo da tinta
uma morte se oculta:
a sua,
de menina tão menina
que nem precisava de ser linda.

TESTAMENTO DA MULHER SUSPENSA

Eis o que vos deixo:
um leve gosto
de renascer lembrada.

E um falso desejo de ser esquecida.

Que eu virei
buscar a espuma da onda
que ficou para sempre por quebrar.

Beleza não me bastou:
o que quis ser
foram cetins de fogo,
pétalas de cinza depois do abraço.

Nem flor invejei:
o que mais ilumina
vem de um oceano escuro.

Esperanças tive: todas naufragaram
ante cansaços e remorsos.
Procurei ilhas e mares:

só havia viagens,
travessias de água
nos olhos de quem amei.

Num mundo com remédios parcos
não clamei bravuras.
Injusto é viver
em perecível ser.

Menina,
aprendi a desenrolar tapetes
em rasos pátios voadores,
varandas maiores que o mundo
onde o tempo à nossa mão vinha beber.

Meus pequenos dedos
rasgaram céus,
mas o ensejo era largo:
em mim secaram
lembranças de um mar antigo.

Assim,
tudo o que sou
já fui
na criança que sonhou ser tudo.

Meus lutos, sem emenda, carrego:
viuvez de mulher
não vem de marido.

Vem do amor não mais sonhado.

Com a fragilidade de um riso
enfrentei ruínas e derrotas
e apenas a vida, calada, me calou.

Tudo falei com meus amantes.
Perante o amor, porém, não tive palavra.

O que da vida me restou:
pegadas alheias sob meus pés molhados.

Viver sabe quem ainda vai viver.

Deixo-me,
mulher que quase foi,
à mulher que nunca fui.

FALAS DE UNS

O caçador fala,
o marinheiro cala.

Um vive de morte emboscada,
outro se amarra em cais de partida.

O homem faz amor
para se sentir bem.

A mulher faz amor
quando se sente bem.

Uns falam.
Outros apenas fogem do silêncio.

Uns amam.
Outros de si mesmos escapam.

O DEGRAU DA LÁGRIMA

Nasci numa casa com escada.

Aquela escada,
dizem,
nasceu antes da casa.

O seu motivo
era o de todas as escadas:
medo de sermos terra,
temor de lavas e monstros.

Alteada sobre os céus
a casa era mais que um ventre.
Era um farol.

Nesse farol sem mar,
me lembro chorando
sobre o primeiro degrau.

Chorar é lá fora, advertia o pai.
Lágrimas
murcham aquém da porta:

esse era o mando.

A proibição da lágrima
se somava ao interdito do chão:
medo dos rios,
das indomáveis enchentes.

Ainda hoje
uma voz antiga,
dentro de mim, incita:
aprende do pranto
o parto das fontes.

Sempre que chorares,
nascerás uma outra vez.

TRADUTOR DE CHUVAS

Um lenço branco
apaga o céu.

A fala da asa
vai traduzindo chuvas:
não há adeus
no idioma das aves.

O mundo voa
e apenas o poeta
faz companhia ao chão.

AS RUAS

No tempo
em que havia ruas,
ao fim da tarde
minha mãe nos convocava:
era a hora do regresso.

E a rua entrava
connosco em casa.

Tanto o Tempo
morava em nós
que dispensávamos futuro.

Recolhida em meu quarto,
a cidade adormecia
no mesmo embalo da nossa mãe.

À entrada da cama,
eu sacudia a areia dos sonhos
e despertava vidas além.

Entre casa e mundo

nenhuma porta cabia:
que fechadura encerra
os dois lados do infinito?

O BAIRRO DA MINHA INFÂNCIA

Não são as criaturas que morrem.

É o inverso:
só morrem as coisas.

As criaturas não morrem
porque a si mesmas se fazem.

E quem de si nasce
à eternidade se condena.

Uma poeira de túmulo
me sufoca o passado
sempre que visito o meu velho bairro.

A casa morreu
no lugar onde nasci:
a minha infância
não tem mais onde dormir.

Mas eis que,
de um qualquer pátio,

me chegam silvestres risos
de meninos brincando.

Riem e soletram
as mesmas folias
com que já fui soberano
de castelos e quimeras.

Volto a tocar a parede fria
e sinto em mim o pulso
de quem para sempre vive.

A morte
é o impossível abraço da água.

PARTO E PRANTO

Soube o que era chorar
quando Amélia,
no funeral do irmão,
em lágrimas se desabotoou.

Rosto desprotegido,
mãos em desmaio,
aquele pranto fazia inexistir
as tristezas todas do mundo.

Não era compaixão
o que no peito me doía.

Invejava nela a fraqueza,
a coragem desse desamparo.

*Não invejes, meu filho, disse minha mãe.
Chorar assim, só uma santa.*

Aquelas lágrimas
eram para Deus: não havia chão para as receber.

No regresso a casa,
a minha mão estremeceu, indefesa,
sobre o ombro de Amélia.

E como era extenso o ombro de Amélia.

Meu trémulo dedo
a lágrima enxugou.

Ela me olhou,
com modos de ausência.

A sua voz era uma brisa
no dizer da surpresa: *chorei, eu?*

A tristeza mais triste
é dos que nem sabem que choram.

ERRO POÉTICO

Sou o açúcar
procurando a formiga.

Meu carreiro
não tem linha.
É um ponto, um planetário grão.

A minha natureza
é uma inacabada caligrafia:
apenas os erros me defendem.

O amor apenas
me rasura a alma.

Com a formiga
partilho alucinogénios:
migas de paixão, migalhas de doçura.

SEIOS E ANSEIOS

As vezes que morri
boca derramada entre os teus seios,
todas essas vezes
não me deram luto
porque, de mim, eu em ti nascia.

Todos esses abismos,
meu amor,
não me deram regresso.

Depois de ti,
não há caminhos.

Porque eu nasci
antes de haver vida,
depois de tu chegares.

FRUTOS

A bondade da mangueira
não é o fruto.

É a sombra.

A térrea,
quotidiana,
abnegada sombra:
no inverso do suor colhida,
no avesso da mão guardada.

Há a estação dos frutos.
Ninguém celebra a estação das sombras.

Assim, o amor e a paixão:
um, fruto; outro, sombra.

A suave e cruel mordedura
do fruto em tua boca:
mais do que entrar em ti
eu quero ser tu.

O que em mim espanta:
não a obra do tempo
mas a viagem do Sol na seiva da árvore

A arte da mangueira
é a veste de sombra
embrulhando o seu ventre solar.

Para o homem
vale a polpa.

Para a terra
só a semente conta.

A NOITE

A luz
tateia em teus olhos:
inundação de lua
em gravidez de pupilas.

Teus dedos temperam a noite
para que nunca mais nasçam manhãs.

Tão lancinante fome
que se esquece de pedir:
antes de seres flor
te colho em fruto.

Tanta sede de lava:
tua boca é água nascente.

O luar em ti me diz:
tudo é última vez.

Teu riso, à despedida:
um girassol
que ama o escuro.

No adeus sem voz
eu escureço, rua abaixo,
e terrestre se vai fazendo o céu.

DUGONGUES

Por mais que à terra
nos condenemos,
não se apaga em nós
a lembrança da água
de que somos feitos.

Sobre a pele a flor de sal
em nada nos acrescenta
ao oceano que já fomos.

Promessa
de eterno retorno,
viagem feita só para ganhar saudade,
apenas em nós o mar é infinito.

Para os demais seres marinhos,
o inteiro oceano
não é mais que um pátio de infância.

INSÓNIA

Envelhecem as horas,
entontecem ponteiros
como punhais vazando insaciáveis relógios.

O sono é um vidro
onde se guardam cansaços
de antes de termos nascido.

Piso estilhaços desse vidro,
tropeçam-me os olhos nas pestanas:
um tropel de luz
assusta um bando de aves sem asas.

A noite, em mim,
ganhou diurno vício:
uma outra vez,
tomei luar na veia.

PÓ, ALÉM

Eis-me enfermo
apenas de ter corpo,
exausto
de me ausentar da alma.

Eis-me, sem poema,
sem asa e sem palavra.

Eu,
que já fui gente,
agora,
já nem de mim sou parente.

Que cura posso ter
se o amor
foi em mim
a mais doce doença?

Alguns dizem:
basta-me um navio
e todo o mar se torna meu.

Outros dizem:
uma garça
e o céu desaba em minha mão.

A mim,
nem mar nem céu
me devolvem garça ou navio.

Da flor não disputei
nem perfume nem pétala.

O pólen,
sim, atapetou o chão deste poema.

TRISTEZA

A minha tristeza
não é a do lavrador sem terra.

A minha tristeza
é a do astrónomo cego.

DESLIÇÃO DE ANATOMIA

Quase fui médico.
Cedo acreditei
ter inclinação.
Aconteceu, em menino,
frente aos compêndios escolares.
Fascinava-me,
no humano corpo,
o vocabulário em flor:
o suco gástrico,
o bolo alimentar,
o trânsito intestinal,
as papilas gustativas.

Ante o meu prematuro pasmo,
a professora vaticinou: vai ser médico!

Em casa, porém,
meu pai diagnosticou diverso:
não era a anatomia que me atraía.

Eu apenas amava as palavras.

Meu pai adivinhava.
E eu, de poesia, adoecia.

É TARDE

É tarde,
nenhum sono
repõe o que não vivi.

É tarde,
nenhum amanhã
cura a antiga ferida
que em nós sangra.

Agora,
que não há sonho
posso, enfim, dormir.

Agora
é tarde demais para morrer.

Agora,
resta um único desfecho:
de novo, acordar por dentro.

E acordar sempre
até que volte a ser cedo.

PECADO MUITO POUCO ORIGINAL

Não foi des pudor.
A mulher se vestiu, sim,
para ser eterna.

Não foi vaidade.
Ela se fez bela
para cegar o mundo.

Heresia, por certo.
Porque ela nasceu
e Deus se perdeu do seu afazer.

ÁGUIA

Ícaro às avessas:
minhas asas
incandescem o Sol.

Asas
que por meu corpo esperam:
o que sou
se cumpre num voo.

Com o bico
desenrugo a paisagem:
sem pressa,
o fogão da savana tempera a presa.

A pupila a arder
num crepitar de penas,
um olhar feito não para ver:
apenas voar.

A COISA

O silêncio é o modo
como o marido habita a casa.

Vencida a porta, ao final do dia,
o homem assume porte e posses.

A mesa é onde os seus cotovelos
derramam milenares cansaços.

Nesse cotovelório
vai trocando vida por idade.

Partilha a medonhez dos bichos:
medo do silêncio,
mais pavor ainda das palavras.

Para a mulher,
porém, ele não é senão um menino
no aguardo de um agrado.

Em redor do silêncio
ela rodopia, sem voz, sem cheiro, sem rosto.

Em solidão,
o homem come,
merecedor do que lhe é servido.

Depois,
bebe como se fosse bebido,
tragado pelo vazio dos desertos.

Dono do seu despovoado,
então, ele a agride, com ferocidade de bicho.

A mulher se estilhaça no soalho,
sombrio retrato da parede tombado.

No leito,
já servido o marido,
as lágrimas vão colando os seus fragmentos.

E a esposa volta a ser coisa.

FLORES

Ninguém
oferece flores.

A flor,
em sua fugaz existência,
já é a oferenda.

Talvez, alguém,
de amor,
se ofereça em flor.

Mas só a semente
oferece flores.

DILÚVIO

Na véspera do dilúvio,
onde outros levaram posses,
eu apenas levei a palavra.

Amealhei letra por letra
como quem carrega tábua
para fazer ponte, barco, arca sem Noé.

E quando os céus desmoronaram
só em mim as águas desabaram.

Na minha jangada
brotaram fontes,
jorraram rios,
remoinharam oceanos.

Lá fora,
reinava a secura dos desertos.
Apenas na minha arca
se esbanjavam águas.

Então, entendi:
onde pensara palavra

não havia senão nascentes.

Semente de toda a semente,
em palavra desagui,
para sempre rio em busca de uma outra margem.

O HÓSPEDE

Vai pôr a mesa, mandavam.

Eu estranhava o verbo
enquanto, em silêncio de altar,
os panos tocavam-me os dedos
e os talheres me desmanchavam o gesto.

Todo o meio-dia
o milagre se repetia:
a toalha, naquele instante,
a si mesma se bordava
e um lavrar de terra
sobre a madeira se anunciava.

Na casa encantada,
mais que a refeição,
um tempo sagrado
se hospedava entre mãos e pão.

Sobre a mesa
uma outra mesa nascia.

POEMA DIDÁTICO

Já tive um país pequeno,
tão pequeno
que andava descalço dentro de mim.
Um país tão magro
que no seu firmamento
não cabia senão uma estrela menina,
tão tímida e delicada
que só por dentro brilhava.

Eu tive um país
escrito sem maiúscula.
Não tinha fundos
para pagar a um herói.
Não tinha panos
para costurar bandeira.
Nem solenidade
para entoar um hino.

Mas tinha pão e esperança
para os viventes
e sonhos para os nascentes.

Eu tive um país pequeno,
tão pequeno
que não cabia no mundo.

VATICÍNIO DA MULHER NA DESPEDIDA

Agora que vou partir
quero deixar o amor,
este amor que não me deixa
nem partir nem amar.

Quero deixar-te este amor
para teus amores,
essas outras mulheres
que, por mim, não terás que recusar.

Não me verás chorar:
limpo a lágrima à última palavra.

E saberás
que não te amei a ti,
mas, em ti, a vida inteira,
maior que o sonho de a viver.
Digo-te, agora que vou:
amar não basta
e os amores são sempre poucos.

Talvez o amor não saiba amar.

Talvez o amor
seja um aprendiz
de esperas e ausências.

Não me serás fiel, eu sei.
Mas não haverá traição.

Eu serei todas as mulheres
que o teu leito encantar.
E tu não serás nunca
o homem de ninguém.

Príncipe, te sonharás.
Mas não mais terás princípio.

FALA DE MÃE E FILHO

*Meu filho:
onde vais
que tens do rio o caminhar?*

Não espreites a estrada, mãe,
que eu nasci
onde o tempo se despenhou.

*Meu filho:
onde te posso lembrar
se apenas te dei nome para te embalar?*

Mãe, minha mãe:
não te pese saudade
que eu voltarei sempre
como quem chega do mar.

*Meu filho:
onde te posso nascer
se meu ventre seco
nunca ninguém gerou?*

Mãe, nascerás sempre
na pedra em que te escuto:
a tua ausência, meu luto,
teu corpo para sempre insepulto

POEMA DA CABRA

O osso do chão
se espinhou pelos céus,
rasgando a nuvem.

Nem assim irá chover.
E ainda bem:
a paisagem é tão magra
que uma única gota
causaria total inundação.

Neste deserto,
de que tudo desertou,
apenas a cabra silhuesce.

Em planetária ruminação
toma por folha
toda a esquelética planura.

Não lhe dói
a indigestão do vazio:
a pedra é menos dura que a fome.

A poesia da cabra
apenas na insaciável pança se concebe.

E a cabra se parece
com gente de voraz ganância.

Dos caprinos aprenderam:
em qualquer nada,
inventam os mais vastos pastos.

A CASA

Sei dos filhos
pelo modo como ocupam a casa:
uns buscam os recantos,
outros existem à janela.

A uns satisfaz uma sombra,
a outros nem o mundo basta.
Uns batem com a porta,
outros hesitam como se não houvesse saída.

Raras vezes, sou pai.
Sou sempre todos os meus filhos,
sou a mão indecisa no fecho,
sou a noite passada entre relógio e escuro.

Em mim ecoa a voz
que, à entrada, se anuncia: *cheguei!*
E eu sorrio, de resposta: chegou?
Mas se nunca ninguém partiu...

E tanto em mim
demoraram as esperas

que me fui trocando por soalho
e me converti em sonholenta janela.

Agora, eu mesmo sou a casa,
essa infatigável casa
a que meus filhos
eternamente regressam.

PALAVRADOR

O papel,
antes do poema,
é um chão depois da chuva.

O idioma do grão
lavra a caligrafia do pão.

DANOS E ENGANOS

Aquele que acredita ter visto o mundo,
não aprendeu a escutar-se no vento.

Aquele que se deitou na terra,
vestiu sonhos como se fossem vidas
e tudo o mais fossem regressos.

Mas aquele que tocou o fruto
provou a inicial doçura do tempo.

E quando tombou
de si mesmo se fez semente.

SAZONAIS ETERNIDADES

Abres-me, janela,
e antigas memórias
me salpicam o rosto,
chuvas ainda por desabar.

Escancaradas portadas,
devolvem-me o corpo,
esse mesmo corpo
que, para febre e desejo,
em outro corpo acendi.

Abres-me, saudade
e o tempo se descalça
para atravessar
incandescentes brasas.

E quando,
de novo, me encerras,
volto a dormir
como dormem os rios
em véspera de serem água.

A saudade
é o que ficou
do que nunca fomos.

DORMES

Dormes.
Não há no mundo senão teu rosto.

O céu sob o teto
espera comigo que despertes.

O meu único relógio
é a sombra imóvel no chão do quarto.

A curva da terra
em tua pálpebra desenhada:
no teu sono me embalas.

Dormes-me.

JANELAS

Demoro
a fechar janelas
porque me dói
a vida entre dentro e fora.

Meu gesto lento,
sem antes nem depois,
desconhece se abre ou se fecha
a janela de uma outra janela.

Sem longe nem perto,
entre sombra e além,
na casa onde meu corpo começa,
sou eu mesmo a terra que contemplo.

Depois do vidro,
perdida da sua própria imagem,
a paisagem ainda mora toda em mim.
E eu, já, nela.

FALA DA MULHER QUE SE PENSA GORDA

Triste saber
que, mesmo tão vasto,
meu corpo me é escasso.

Triste sentir
que me ofego
mesmo na gesta sem gesto
do mais desnutrido intento.

E escondo
recantos tão escuros
que nenhuma manhã visitará.

Estas são as mãos:
desatam rios
mas não colhem lágrimas.

Este é o meu leito:
deitada, me vejo de longe
como o lavrador cego
que apenas sonha o sulco da lavoura.

De pé, me perco
de meus próprios pés.
Vantagem de tanta polpa:
não há fundura de ferida
que me atinja o peito.

Mais que corpo
me pesa um destino:
mesmo despida
nunca estou nua.

Só está nu
quem por outras mãos é despido.

Às vezes,
sonho-me dizendo-te:
sou teu algodão-doce.
Vem, dissolve-me em tua boca,
seja eu sal da tua saliva.

Mas os meus delírios
se afundam antes de eu ser noite.

No fugidio meio-dia, porém,
do meu fardo e destino me vingo.

E emagreço
mais que a minha sombra
e finjo suspiros
no beijo que nunca houve.

Só então
volto a ser ave.

SEMENTEIRA

O poeta
faz agricultura às avessas:
numa única semente
planta a terra inteira.

Com lâmina de enxada
a palavra fere o tempo:
decepa o cordão umbilical
do que pode ser um chão nascente.

No final da lavoura
o poeta não tem conta para fechar:
ele só possui
o que não se pode colher.

Afinal,
não era a palavra que lhe faltava.

Era a vida que ele, nele, desconhecia.

NOITE ESCANDINAVA
(saudade da Patrícia)

Não é a luz que acendo.
Acabei, sim, de acender a noite.

Num instante,
o teto se torna céu
e o escuro se torna leito.

A noite é escassa
para tanta saudade.

Saudade
da espreguiçada noite dos trópicos,
saudade
da noite com vagar para não dormir,
saudade
da noite com tempo para esquecer o tempo.

A gente desta cidade
sonha depressa e pouco.
Tão depressa
que o sono fica isento de pecado.

De manhã, despertam
com o sonho ainda a meio,
como quem é surpreso
de braço dado com o demónio.

E contam os sonhos a um médico
como se de doença se expurgassem.

Desconhecem
o atentado contra a poesia:
a lembrança do sonho
mata o termos sonhado.

Esta claridade de meia-noite,
este poente que nunca encontra sol,
foram feitos para te roubar da distância.

Nenhuma geografia me vence:
neste matinal crepúsculo
eu te desenho, luar de sombra.

E já não é nem pecado nem sonho:
és tu que acendo
num quase ocaso de Estocolmo.

ESPIRAL

No oculto do ventre,
o feto se explica como o Homem:
em si mesmo enrolado
para caber no que ainda vai ser.

Corpo ansiando ser barco,
água sonhando dormir,
colo em si mesmo encontrado.

Na espiral do feto,
o novelo do afeto
ensaia o seu primeiro infinito.

A PEGADA

Na pedra do pátio
meu pai inventou
uma pegada de infância.

Aqui assentou
o teu passo pequenito, dizia,
dedo posto sobre a indelével raiz.

Já adulto, joelho no tempo,
acaricio a petrificada mentira.

Nesse templo
sem parede nem prece,
meu passo se imobiliza.

Aquela mentira, afinal,
é consolo sem fôlego:
a vida será sempre pouca
perante tão eterna infância.

OS QUE ESPERAM

*— Meu pai: um dia
ele vai chegar, não é?*

O velho pai
espreitou a linha de comboio
e acenou com a cabeça.

Mas havia demasiada luz
e, no rosto, sacudiu uma cegueira.

Voltaram, pai e filho,
à condição da pedra.
Parados, ambos, na poeira da espera.

Fazia tempo
que ali estavam
aguardando aquele que haveria de chegar.

Vieram chuvas e frios,
interiores rios
estancaram no peito.

Ao fim da tarde,
a mãe lhes trazia merenda
e sacudia os ombros,
em silenciosa reprovação.

A ansiedade do filho
não tinha consolo:

— *É que ele está vindo do longe,
trazendo a notícia, não é, paizinho?*

A mãe, corrigia-lhes o sonho:

— *Esse que há de vir
há muito que perdeu viagem.*

Até que, certo dia,
o comboio encheu a estação
com seu suspiro cansado.

Olhar tropeçando no coração,
o pai se ergueu
e o dedo tremente
apontou o homem
que, descendo do trem,
se apossava do mundo.

Então, o chegante,
na pedra do pátio se ajoelhou.
As mãos cruzadas,
em respeito, no peito se afundaram.

Pai e filho,
sobre o mudo visitante se inclinaram.
E esperaram a anunciada palavra.

O silêncio,
porém, tardou
mais do que a véspera.
Quanto tempo
demoram as rezas
de quem vem do outro lado,
onde nem anjos há?

Até que
o visitante se soergueu,
enfrentou os que os esperavam e inquiriu:

*— Há quanto tempo
moram neste cemitério?*

Nos lábios do pai,
suspensa,
a indizível resposta.

De súbito,
nem visitante, nem comboio, nem estação.

Apenas o pai,
de passo bêbedo,
espreita um novo infinito.

Só então
o filho sente o perfume das flores
ascendendo da campa de sua mãe.

MEDOS

Medo do amor
quando tudo é fome.

E onde tudo é tão pouco,
medo de a carícia
despertar insuspeitos infernos.

Medo de sermos
só eu e tu
a humanidade.

E morrermos
de tanta eternidade.

LEOA

A leoa me fita.
Seu olhar é um ventre.

E nele volto a nascer.

No incêndio de uns olhos
me entrego a ocultas divindades.

E a mim mesmo caço,
escravo de quem me dá fim.

Na felina sofreguidão me devoro.

E aos despedaços
me arranco de mim
para seus olhos solares.

Essa morte anseio:
ausência perfeita,
alma de regresso ao inumano.

Vem do fogo
o meu único descanso.

ESCRITA

Tenho fome de um nome
e procuro-o para além dos idiomas
como garimpeiro de vozes
esgravatando um chão de silêncios.

Ecoa em mim
um búzio sem mar,
um peixe agoniza
no estremecer da página nua.

Hoje fui beijado por serpente.
E me espelhei,
água sobre a lua.

Hoje escrevi mel
sobre a picada da abelha:
isso a que outros chamam poesia.

O BRINDE

Ergueu o cálice
e esqueceu o brinde.

No avô,
suspendeu a família o ansioso olhar,
mas palavra e gesto lhe quedaram imóveis,
morcegos presos
no último teto do mundo.

Parecia que iria ficar assim
o resto da vida:
à espera de um motivo para brindar.
E nessa espera
demoraria o tempo todo.

Quando já morto,
tentassem tirar-lhe o cálice,
não seria possível abrir-lhe os dedos.

Levaram o avô
para o quarto,
e deixaram-no só, no escuro,

para que adormecesse.

O avô está cansado, disseram.
E, deste modo,
a si mesmos se descansaram.

O velho sorriu,
em seu enrugado rosto
desenhou a taça da malícia:
o que ele queria
era o instante do tempo inteiro.

Não entenderam os parentes:
calado, ele não estava calado.
A sua palavra
de nenhuma voz carecia.

De si para si, murmurou:
só amei o que tinha fim
e tudo que amei se eternizou.

Depois, adormeceu.

Aos parentes,
para sempre escapou
a razão do suspenso brinde.

Ninguém sabe falar a quem ama.

Apenas no silêncio
o amor
se diz e escuta.

O BOJO E O BEIJO

Térreas asas,
as mãos do oleiro
ascendem em sonolenta luz
e os dedos, em fingida cegueira,
a si mesmos, anfíbios, se tateiam.

Um redondo nascer,
sem golpe nem sangue,
semelha argila e corpo:
a mesma gravidez
arredonda bilha e ventre.

O que roda no torno do oleiro
não é barro, não é intento:
são regatos e fontes,
húmidas coxas de mulher.

A cerâmica
não é humana obra,
mas um desaguar
de subcutâneos rios.

Nas mãos do oleiro,
o beijo da água
na boca da terra.

NÚMEROS

Desiguais as contas:
para cada anjo, dois demónios.

Para um só Sol, quatro Luas.

Para tua boca, todas as vidas.

Dar vida aos mortos
é obra para infinitos deuses.

Ressuscitar um vivo:
um só amor cumpre o milagre.

A VARANDA DO ANTIGAMENTE

Na varanda
do meu antigamente,
as horas sentavam-se ao poente.
E nada era antigo.

Com sapiência de congénito bebedor
João Joãoquinho murmurava:
a vida é uma varanda.

Longe, passavam as horas
como garças com demasiado sono para voar.

E tudo era novo,
tão novo que nenhuma saudade morava em mim.

Joãoquinho reabria os olhos,
em arrastado mando de poesia:
*o tempo é um lagarto,
não o quero aqui a sujar a casa.*

Num gesto vago,
enxotava moscas e sonhos.

O que ele fazia, depois,
era entrelaçar histórias
como se na cerveja fosse molhando a palavra.

Ourives de mentiras,
João Joãoquinho convertia o mundo
numa desvairada bijuteria.

E adormecíamos,
como se a varanda nos cobrisse
mais do destino que do cacimbo.

Um dia, João
não compareceu ao poente.

E todos os seguintes dias foram póstumos.

Lagartos se enroscaram,
a saudade se sujou
e o céu envelheceu para garças.

Aos poucos,
o mundo se cansou
de morar em nossa casa.

E eu,
desvarandado,
me fiz por caminhos.

Passaram ruas e navios,
vieram intempéries e desertos,
a lembrança das palavras
do amargor do tempo me guardou.

Podem validar o óbito.

Pouco importa.
A morte de João
foi mentira que ele mesmo engendrou.

Sobre o último antigamente
a varanda perdura.

FALTA DE REZA

Por insuficiência de reza,
por falsidade de crença
meu anjo me culpou
e vaticinou eterna penitência.

Mas não ajoelho
nem peço desculpa.
Não quero um deus
que vigie os vivos
e peça contas aos mortos.

Um deus amigo
que me chame por tu
e que espere por mim
para um copo de riso e abraços:
esse é o deus que eu quero ter.

Um deus
que nem precise de existir.

DECLARAÇÃO DE BENS

Só tenho palavras
para o indizível.

Só tenho voz
para emudecer.

Só trago nome
para o que nunca nasceu.

Uma única certeza
demora em mim:
o que em nós já foi menino
não envelhecerá nunca.

O BEBEDOR DE SÓIS

No deserto,
onde o céu é redondo,
de mim mesmo sou miragem.

Na areia
me afundo, defunto,
até não haver sombra
senão sob cansaços de pálpebras.

Quando não há mais
que vento e dunas,
em mim invento o derradeiro oásis.

Uma raiz
então me convoca,
pedindo-me certo e definitivo.
Não nasci, porém,
para junto das fontes morar.

De novo,
vou por onde não há caminhos.

E só no fogo deixo pegada.

DIVINDADES

São pobres os deuses
da minha terra.

Desnutridos,
padecem de malária
e pedem esmolas aos devotos.

Descreeem de si mesmos
e não há relicários
que não tenham roubado
nas igrejas que se alugam
à ingenuidade dos mais crentes.

Um dia,
se for feita a nossa vontade,
consolaremos estas divindades
da incurável doença
de serem tão nós,
tão sós,
tão nada.

A CANTADEIRA

Quando seu canto findou
já não havia mundo.

E nem nome, nem corpo,
nem desejo de água
no ventre da terra.

Tudo dissolvido em voz,
tudo fulminado pela beleza,
não sobrava mais silêncio
no silêncio que proclamava.

A mulher cantou
e nós fomos o seu canto
omitidas almas sem recanto.

A mulher se calou,
e aprendemos a nos despedir do mundo.

O HOMEM SEM JANELA

Uns fecham portadas,
e se encerram na paisagem.

Outros habitam quimeras,
extintos magmas interiores.

Eu vivo apenas fora de mim.

De longe
me chegam palavras
e nenhuma cabe
no oco da minha mão.
Apenas de outros me faço eu.

Espreito a rua
e, através de mim,
não vejo senão gente
que nasce sem sonhos e vive sem vida.

Sou o homem sem janela:
o mundo está sempre do lado de cá.

A meu lado
não mora ninguém:
meus vizinhos
habitam todos dentro de mim.

Ao fim da tarde,
porém, o céu se curva
para afagar o meu teto.

Em redondo dorso de cão,
a meus pés se enrosca a solidão.

É então que chegas,
e eu, enfim, regresso
para dentro de minhas paredes.

Só então tenho janela.

AS FADIGAS DO VIZINHO

O vizinho Lourenço
se conhecia por suas preguiças.

Nenhuma ocupação,
alguma vez, o ocupou.

Em moço,
ensonava os olhos,
negando a visão das belezas.

Ora, o amor, resmungava,
o que mais dá são cansaços.

E quando amou,
amou leve
para poupança de baba e suspiro.

No altar,
a noiva, em vão, esperou.

Subir a escadaria da igreja
era trabalho para muito joelho.

A si mesmo, Lourenço se explicou:
ora, o amor é o que, na gaiola, nos dá asas.

Noites e noites,
perante insistência dos parentes,
olhando o fogo, respondia:
não posso, estou contando labaredas.

E de tanto
dos afazeres se desfazer,
certa vez anunciou:
viver,
não sei se gosto de viver.
A vida tira-me o sono.

Nessa noite,
se dispensou de si mesmo.

No final,
porém, não chegou a finir.

Morrer custava fadigas.

LEMBRANÇA

Só quero lembrar
se o tempo for todo meu.

Só anseio lembrança
se não houver passado.

Bruma e espuma,
apagam o tempo em que não amei.

E eu amei
para ser tudo, todos, sempre.

Para te visitar
esquecerei a terra
e apagarei estrelas.

E irei pelos teus olhos,
até o mundo voltar a ter princípio.

Sou eu, dirás.
E o tempo será lembrado.

O AUSENTE

O primo Mauro
voltou da guerra.

Abraçou-nos
longamente, um por um.

Era uma chegada,
mas ele se despedia.

Às boas-vindas, retorquiu:

— *Deixei de ser gente,
como posso ter casa?*

Toda a noite,
escutei o seu pranto.

Nas outras noites,
o mesmo choro se desenrolou.

Minha mãe, vaticinou:
só um ausente

pode ser assim plangente.

Sei dessa ausência, disse ela.

Toda a mãe,
em cada filho,
dá à luz a eternidade.

Internaram Mauro.

Doía-lhe a Vida
como certa bala,

doía-lhe a noite
como corpo deixado na trincheira.

Urgia desarmar-lhe os mortos,
deitá-lo num sono muito branco
até que, por fim,
entre trevas ele a si regressasse.

Mas a morte,
e tanta morte houve,
não fora apenas em falso: fora falsa.

Afinal,
só mata quem já está morto.

A guerra fora-se,
ajoelharam-se os exércitos.

Mas por mais que a farda despisse,
por muito que a arma depusesse:
o primo Mauro
nunca mais deixava de ser soldado.

Dentro do guerreiro
vivia, eterna, a guerra.

O inferno,
mesmo o mais pequeno,
é, sempre, para sempre.

Hoje,
envergando uniforme,
me despeço dos meus.

Abraço-os, um por um.

E prometo voltar.

BEIJO

Não quero o primeiro beijo:
basta-me
o instante antes do beijo.

Quero-me
corpo ante o abismo,
terra no rasgão do sismo.

O lábio ardendo
entre tremor e temor,
o escurecer da luz
no desaguar dos corpos:
o amor
não tem depois.

Quero o vulcão
que na terra não toca:
o beijo antes de ser boca.

HORA DE VISITA

— *Gostei de nascer, doutor,
mas, agora, já chega.*

O médico baixou o rosto, incapaz de palavra.
Depois, se acertou e disse:

— *Amanhã, o senhor volta para sua casa.*

O velho doente
superou o cansaço das palavras:

— *Agora, doutor,
a minha casa é a minha cama.*

Que ele se ia afeiçoando
ao tamanho dos que partem.

O médico cortou no drama:

— *Já é hora da visita. Já lhes ouço os passos no corredor.*

Sorriu: a solidão preferia.

Cada visita
é uma despedida,
os parentes junto ao leito,
contemplam apenas a dor de serem eles,
amanhã, os visitados.

— *Estão-me velando sem velas.*

Depois entraram os parentes,
numerosos,
mas nenhum chegando nunca a estar ali,
nenhuma ponte cruzando os dolorosos abismos.

Então,
uma mão pequena,
asa sem ave,
ascendeu do chão
e sobre o leito pousou.

Seria,
por certo,
a mão de um neto
que buscava o abraço sem braço
e ali se quedou em desajeitada carícia.

Ou talvez fosse
a mão de um anjo.

Só então,
começou a visita.

MUDANÇA DE IDADE

Para explicar
os excessos do meu irmão
a minha mãe dizia:
está na mudança de idade.

Na altura,
eu não tinha idade nenhuma
e o tempo era todo meu.

Despontavam borbulhas
no rosto do meu irmão,
eu morria de inveja
enquanto me perguntava:
em que idade a idade muda?

Que vida,
escondida de mim, vivia ele?
Em que adiantada estação
o tempo lhe vinha comer à mão?

Na espera de recompensa,
eu à lua pedia uma outra idade.

Respondiam-me batuques
mas vinham de longe,
de onde já não chega o luar.

Antes de dormirmos
a mãe vinha esticar os lençóis
que era um modo
de beijar o nosso sono.

Meu anjo, não durmas triste, pedia.
E eu não sabia
se era comigo que ela falava.

A tristeza, dizia,
é uma doença envergonhada.
Não aprendas a gostar dessa doença.

As suas palavras
soavam mais longe
que os tambores noturnos.

O que invejas, falava a mãe, não é a idade.
É a vida
para além do sonho.

Idades mudaram-me,
calaram-se tambores,
na lua se anichou a materna voz.
E eu já nada reclamo.

Agora sei:
apenas o amor nos rouba do tempo.

E ainda hoje
estico os lençóis

antes de adormecer.

CASA (RIO)

Incerta vez,
o Mano Juca se poentou no rio.

Em nenhum rio se morre,
assim é o dito.

Por que razão chora, então, a mãe?
Que eternidade a amarra
à bruma da margem?

A mulher responde:
há vozes no meu quarto
que me pedem mais do que posso sonhar.

De tanto na berma sobejar
ela ganhou o redondo dos seixos.
Aves a pisam
e nela debicam como em derramada nuvem.

Tristezas de mãe
estão sempre certas:
o lugar da casa é o de um rio.

Casa e rio, ela diz:
são margens de um regresso infinito.

Aos poucos, a borda do rio
já não é senão água.
E a lembrança da mãe
é a de nenhum tempo haver.

Rio sorvido pela própria corrente
o filho desagua sem fim
no mar dos olhos de quem o fez nascer.

O ESPREGUIÇOSO

O que do tempo desfolha,
em vagar de tumba,
na palma da sua mão tomba.

Deitado no mundo,
nem olha as nuvens:
a pressa dos céus
cansa-lhe a retina.

Do sol não se arreda:
sombras são móveis,
nem vale mudar de assento.

E quando chove
nem se desvia:
gotas nunca são tantas, por si mesmas se enxugam.

Sendo noite,
dispensa sonho:
acordar é mais árduo em sonhadora noite.

À amada confessa: príncipe, me dizes.

Eu me prefiro sapo sem beijo
e, no charco baldio,
quedar-me ensopado e vadio.

Namorar pede pulsação.
Eu quero o sono de quem dorme.

Dormir talvez seja demais.

Dormir sem verbo:
ser dormido.

APRENDIZ DE AUSÊNCIAS

Morrer
como quem desagua sem mar
e, num derradeiro relance,
olha o mundo
como se ainda o pudesse amar.

Morrer
depois de me despedir
das palavras, uma a uma.

E no final,
descontada a lágrima,
restar uma única certeza:

não há morte
que baste
para se deixar de viver.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[CORES DE PARTO](#)

[SAUDADE](#)

[IGNORÂNCIAS PATERNAS](#)

[CLANDESTINO](#)

[VERNIZ](#)

[TESTAMENTO DA MULHER SUSPENSA](#)

[FALAS DE UNS](#)

[O DEGRAU DA LÁGRIMA](#)

[TRADUTOR DE CHUVAS](#)

[AS RUAS](#)

[O BAIRRO DA MINHA INFÂNCIA](#)

[PARTO E PRANTO](#)

[ERRO POÉTICO](#)

[SEIOS E ANSEIOS](#)

[FRUTOS](#)

[A NOITE](#)

[DUGONGUES](#)

[INSÔNIA](#)

[PÓ, ALÉM](#)

[TRISTEZA](#)

[DESLIÇÃO DE ANATOMIA](#)

[É TARDE](#)

[PECADO MUITO POUCO ORIGINAL](#)

[ÁGUIA](#)

[A COISA](#)

[FLORES](#)

[DILÚVIO](#)

[O HÓSPEDE](#)

[POEMA DIDÁTICO](#)

VATICÍNIO DA MULHER NA DESPEDIDA
FALA DE MÃE E FILHO
POEMA DA CABRA
A CASA
PALAVRADOR
DANOS E ENGANOS
SAZONAIS ETERNIDADES
DORMES
JANELAS
FALA DA MULHER QUE SE PENSA GORDA
SEMENTEIRA
NOITE ESCANDINAVA
ESPIRAL
A PEGADA
OS QUE ESPERAM
MEDOS
LEOA
ESCRITA
O BRINDE
O BOJO E O BEIJO
NÚMEROS
A VARANDA DO ANTIGAMENTE
FALTA DE REZA
DECLARAÇÃO DE BENS
O BEBEDOR DE SÓIS
DIVINDADES
A CANTADEIRA
O HOMEM SEM JANELA
AS FADIGAS DO VIZINHO
LEMBRANÇA
O AUSENTE
BEIJO
HORA DE VISITA
MUDANÇA DE IDADE
CASA (RIO)
O ESPREGUIÇOSO

APRENDIZ DE AUSÊNCIAS